

41117 – Teorias Sociológicas

Orientações para o estudo do Tema 2. A idade de ouro: as teorias sociológicas do pós-II

Guerras Mundial aos anos 70

4. Teorias da construção social: Bourdieu, Berger e Luckmann

Peter Berger e Thomas Luckmann

Dado que as obras de Pierre Bourdieu, por um lado, e de Peter Berger e Thomas Luckmann, por outro, têm diferenças substanciais, elas serão leccionadas separadamente. Esta semana debruçar-nos-emos sobre o trabalho conjunto de Berger e Luckmann, em particular, sobre o seu livro de 1966, *A construção social da realidade*.

Berger e Luckmann inserem-se dentro da corrente sociológica fundada por Alfred Schütz, a sociologia fenomenológica. Por sua vez, esta corrente sociológica foi, originalmente, uma tentativa de Schütz trazer para o seio da sociologia as reflexões da fenomenologia filosófica de Edmund Husserl e outros filósofos. Em particular, no seguimento de Schütz, a posição teórico-metodológica de Berger e Luckmann pode ser caracterizada como uma forma de construtivismo fenomenológico que assenta na ideia central de que a sociedade (e logo, a realidade social) é construída activamente pelos indivíduos nas suas interacções quotidianas.

O sub-título da obra de Berger e Luckmann (“um tratado de sociologia do conhecimento”), pode induzir em erro os/as leitores pouco familiarizados com a sociologia fenomenológica. Esta corrente afasta-se do foco de outras orientações da sociologia do conhecimento, que privilegiam a investigação sobre o conhecimento teórico e, sobretudo, científico. Contra isto, Berger e Luckmann, de modo coerente com a sua posição fenomenológica, defendem que o objecto da sociologia é o conjunto de formas pelas quais os sujeitos, nas suas interacções quotidianas, constroem e usam conhecimento(s), logo, constroem realidades sociais.

Nesta mobilização e construção quotidiana da realidade, o processo de tipificação é central. Quando um indivíduo interage com outros, o primeiro apreende e lida com os segundos com base em tipificações. Ou seja, para que seja possível aos indivíduos interagirem e atribuírem significados ao que fazem, aos outros e ao mundo, eles têm de compreender os outros como parte integrante de certos tipos sociais. Como cada tipo social tem um conjunto de características próprias, em função de conjunto (flexível e mutável) de guias de conduta, os sujeitos sabem como se conduzir e o que esperar de certos tipos de interacção com certos tipos de indivíduos. Neste sentido, ao entram em contacto com outrem, um indivíduo perceberá o seu parceiro de interacção como sendo um “homem”, ou “alegre”, ou “deprimido”, ou “português”, ou “funcionário público”, ou parte de outro tipo social.

As tipificações permitem a interacção e a atribuição de sentido pois são partilhadas entre indivíduos graças a um consenso inter-subjectivo sobre as características de cada tipo. Sem inter-subjectividade, cada indivíduo pensaria de acordo com tipificações individuais, logo, não partilháveis com outrem, o que impediria que os envolvidos na interacção se compreendessem. A inter-subjectividade permite que o indivíduo A tipifique o indivíduo B e vice-versa no seio de um esquema de interacção no qual as duas tipificações, bem a tipificação do género de interacção em que estão envolvidos no momento, são, razoavelmente, compreendidas por ambos os indivíduos.

Contudo, as tipificações são guias de conduta e de sentido, mas não espelhos perfeitos da individualidade concreta dos sujeitos que se encontram em interacção. Ou seja, ninguém possui apenas as características de uma certa tipificação, nem as características de uma certa tipificação têm de estar todas elas, necessariamente, presentes num indivíduo concreto de um certo tipo. Por este motivo, no interior da experiência inter-subjectiva da interacção, decorrem negociações dos papéis sociais dos envolvidos.

O construtivismo fenomenológico de Berger e Luckmann leva-os a afirmar que a sociedade é, em simultâneo, uma realidade objectiva e subjectiva. A sociedade é uma realidade objectiva porque é exteriorizada e objectivada. Ela é exteriorizada pois emancipa-se dos actores que a produzem. E é objectivada pois a interacção social cria objectos que adquirem uma dose de autonomia face aos indivíduos.

Este carácter objectivo da sociedade ancora-se, em grande medida, em processos de institucionalização que tipificam tanto os (tipos de) actores quanto as acções individuais. Apelando a uma herança durkheimiana, por “instituição” Berger e Luckmann entendem qualquer coisa que está instituída, *i.e.*, uma crença partilhada por um conjunto de actores que adquiriu uma certa estabilidade ao longo do tempo, quer falemos de uma forma de organização administrativa (por exemplo, a instituição-Estado-nação), quer falemos de uma forma de cumprimento (por exemplo, está instituído que, ao encontrar outrem pela primeira vez num dia, o cumprimento com um aperto de mão ou desejando-lhe “bons dias”).

A institucionalização decorre da estabilização progressiva de tipificações recíprocas partilhadas por um conjunto de actores, mas, circularmente, a institucionalização também permite a tipificação. Ou seja, ao longo do tempo, as tipificações recíprocas partilhadas por um conjunto alargado de actores vão-se tornar, progressivamente, mais estáveis e padronizadas. Em grande medida, esta estabilização ocorre pois estas tipificações vão integrando uma reserva comum de conhecimentos que, através da linguagem, é mobilizada pelos actores nas suas interacções. Esta estabilização progressiva de tipificações dá origem a instituições. Mas o facto de algo estar institucionalizado confere estabilidade adicional às tipificações, quer daquelas que são relativas a actores (*i.e.*, aos tipos de actores que podem, razoavelmente, estar presente naquela interacção institucionalizada), quer daquelas que dizem respeito aos hábitos e modos de

conduta dos actores (*i.e.*, aos tipos de acção que devem ocorrer). Entre outras coisas, como as instituições tendem a especializar-se ao longo do tempo, os actores passam a desempenhar no seio delas papéis sociais distintos (dos papéis desempenhados por outrem e dos papéis que o próprio desempenha no seio de outra instituição), o que contribui para tipificar estes actores e as suas acções.

Porém, é importante ter em mente que este é um argumento contrutivista. Ao contrário de outras correntes teórico-metodológicas, a sociologia fenomenológica considera que as sociedades são, inerentemente, dinâmicas. Os processos de institucionalização são, então, reversíveis através de processos de desinstitucionalização.

Para Berger e Luckmann, o carácter objectivo da sociedade não se opõe ao seu carácter subjectivo. A sociedade é uma realidade subjectiva, em grande medida, pois é interiorizada pela socialização, quer pela socialização primária (a que ocorre na infância e é considerada mais importante), quer pela socialização secundária (a que ocorre após a infância). A socialização permite que os indivíduos sejam inseridos (subjectivamente) no interior de uma realidade social objectiva. Ou seja, fenomenologicamente, enquanto que a sociedade é uma realidade objectiva por ser construída (objectivada) pela interacção simbólica (pela tipificação, pela institucionalização, *etc.*), ela é também uma realidade subjectiva na medida em que, por um lado, produz sujeitos (pela socialização) e, por outro lado, depende de sujeitos.

Para realizar o estudo deste tópico, deverá ler o texto abaixo indicado.

Corcuff, Philippe (2001), "A Construção Social da Realidade de Peter Berger e Thomas Luckmann", *in idem, As novas sociologias: construções da realidade social*. Sintra: Vral, 66-72.

Para além da bibliografia obrigatória, recomenda-se vivamente a leitura da obra discutida neste ponto do programa, cuja referência bibliográfica indicamos abaixo. Os/as estudantes interessados/as em solidificar o seu conhecimento desta obra deverão ler, no mínimo, o primeiro capítulo ("Os alicerces do conhecimento na vida quotidiana").

tradução portuguesa: Berger, Peter; Luckmann; Thomas (1999), *A construção social da realidade. Um livro sobre a sociologia do conhecimento*. Lisboa: Dinalivro. Ed. Orig. 1966.

tradução brasileira: Berger, Peter; Luckmann; Thomas (1985), *A construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes. Ed. Orig. 1966.

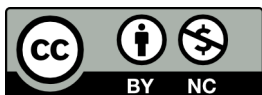
Tenha em mente que os materiais de apoio ao estudo disponibilizados não substituem a leitura da bibliografia obrigatória.

Conceitos e temas centrais a reter durante a leitura:

- sociologia fenomenológica
- sociologia do conhecimento
- conhecimento comum
- reserva de conhecimentos disponíveis
- vida quotidiana
- interacção social
- linguagem
- tipificações
- inter-subjectividade
- construções de segundo grau
- construção social da realidade
- sociedade como realidade objectiva
- exteriorização
- objectivação
- institucionalização
- papéis sociais
- sociedade como realidade subjectiva
- interiorização
- socialização primária
- socialização secundária

Como actividade formativa opcional (não avaliada), procure resumir as principais ideias do texto indicado como bibliografia obrigatória. Escreva as suas dúvidas e comentários interpretativos (ancorados na bibliografia e não, meramente, comentários de senso comum) no fórum da UC para serem discutidos com a equipa docente e os/as colegas.

Este texto foi preparado por João Aldeia para o ano lectivo 2023/2024 da unidade curricular Teorias Sociológicas 41117.



<http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>